

A PEDAGOGIA MARISTA E A GESTÃO ADMINISTRATIVA: TRANSFORMANDO VIDAS PELA EDUCAÇÃO

THE MARIST PEDAGOGY AND ADMINISTRATIVE MANAGEMENT: TRANSFORMING LIVES THROUGH EDUCATION

Diego Taunay Rodrigues Cardoso

Escola Marista Champagnat de Natal

Eliseudo Salvino Gomes

Universidade Católica de Brasília

Fabiano Gomes Galdino

Universidade Católica de Brasília

Janaína Estevam da Silva

Escola Marista Champagnat de Natal

Regiere Alves da Cruz

Escola Marista Champagnat de Natal

Resumo. O presente artigo pretende estabelecer relações de sentido entre a Gestão Administrativa e o Estilo Marista de educar, correlacionando as organizações que estão inseridas num ambiente em que as rápidas mudanças sociais, políticas e econômicas são apontadas como incidentes de impacto, nas relações entre profissionais e organizações. Sinaliza a necessidade que as organizações, particularmente as de ensino, têm de inovar, para que cada vez mais sejam encontradas formas de alcançar a excelência, não só no contexto produtivo-lucrativo ou na aplicação de práticas como responsabilidade social e ambiental, mas também no seu caráter de missão: transformar vidas pela educação. Esse artigo, portanto, segue por uma perspectiva histórica das relações de trabalho e pelas questões existenciais do ambiente escolar. A Gestão Administrativa está pautada nas concepções específicas de educação e formação de professores; a Concepção Marista de educar está fundamentada numa formação integral do indivíduo e contemplada nas suas dimensões afetiva, ética, social, política, cognitiva e religiosa, bem como na metodologia da pedagogia da presença.

Palavras-chave: gestão administrativa; pedagogia marista; educação; sentido.

Abstract. This present article intends to stablish meaningful links between the administrative management and Marista's way of educating matching up the institutions which are inside an ambiente where quick social, political and economical changes are pointed as impacts incident in the relations between the professionals and

the organizations. It shows the necessity that the organizations. It shows the necessity that the organization specially the educational ones have to inovate to achieve the excelence not only in the profitable and productive context or in application of practices like social and environmental responsibility, but also in its human character of mission: change lives by education this article, however follows a historical perspective of the work relations and the existencial issues of the school ambience. The administrative management is based the particular conception of education and graduation of teaches; Marista´s educational conception is based and considered in its affective, ethical, social, political, cognitive, and religious as will as in the pedagogy of presence methodology.

Keywords: administrative management; marista pedagogy; education; meaning.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, sob o título “A Pedagogia Marista e a Gestão Administrativa: transformando vidas pela educação”, é fruto do projeto de sistematização da formação continuada dos educadores da Escola Marista Champagnat de Natal e tem a coordenação do diretor dessa referida escola, Eliseudo Salvino Gomes.

Esta proposta de trabalho tem por objetivo viabilizar a concepção e a organização da escola como espaço de formação para os seus educadores, seguindo os aportes teóricos do estilo Marista de Educar; a partir dos aportes de António Nóvoa, mais precisamente no que tange à proposta do “professor reflexivo”, bem como na perspectiva da logoterapia de Viktor Frankl.

Frankl (1991), fundador da logoterapia, entende que a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora do ser humano. Dentre as várias abordagens psicológicas, a logoterapia apresenta uma perspectiva teórica sobre a dimensão espiritual do homem, denominada ontologia dimensional; para além das dimensões biológica e psíquica; acrescenta a dimensão noética, considerada sem mácula.

Por sentido, portanto, entende-se que não só precisa, mas também pode ser encontrado, e na sua busca é a consciência que orienta a pessoa. Por consciência compreende-se o órgão de sentido, podendo ser definida ainda como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação (Frankl, 1997, p. 68).

Em definitiva a consciência é a própria voz do sentido. Defende Frankl que “esta voz, somente é ouvida pelo homem, ela não provém dele; ao contrário, somente o caráter transcendente da consciência faz com que

possamos compreender o homem, e especialmente sua personalidade, num sentido mais profundo” (Frankl, 1997, p. 41).

Os tempos atuais revelam um cenário organizacional marcado por mudanças constantes, as quais têm alterado as relações nas organizações. Nestas, o clima de instabilidade e a capacidade de antecipação às mudanças impôs a necessidade de novas formas organizacionais e gerou novas expectativas, demandas e atitudes da força de trabalho. Isso demonstra que, atualmente, as organizações estão inseridas num ambiente onde as rápidas mudanças sociais, políticas e econômicas são apontadas como incidentes de impacto nas relações entre profissionais e organizações.

Na busca por seus objetivos, é imprescindível que as organizações procurem, sempre mais, inovar formas de alcançar a excelência, não só no contexto produtivo, lucrativo ou na aplicação de práticas como responsabilidade social e ambiental, mas também no seu caráter humano diante de seus profissionais.

Na atual conjuntura das corporações, vê-se o alvorecer de um mundo dinâmico, onde os indivíduos estão formando parcerias para se desenvolver nas organizações, com intuito de construir uma relação de comprometimento que seja reconhecida e esteja em consonância com as mudanças do meio que a cercam.

Em tempos atuais, os profissionais passam a responder por novas demandas e incorporam novas funções, alterando a sua identidade e sua natureza de trabalho. Para obter padrões de qualidade no ensino, portanto, é necessário contemplar o indivíduo em sua totalidade, cultivando o seu vínculo com a instituição e favorecendo a sua participação,

envolvimento e empenho no desenvolvimento das práticas estabelecidas.

Dessa forma, é salutar compreender que as atuais concepções administrativas configuram a escola como espaço onde, na maioria das vezes, o sujeito é inserido na sociedade; onde se começa a desenvolver a personalidade, reconhecer amigos, conviver em grupo.

Alonso (2004, p. 2) ressalta que a escola é:

[...] uma instituição social, com funções socialmente definidas, mas também como uma organização social especialmente destinada à formação das crianças e jovens, e também como um espaço social que tem vida própria, um organismo vivo que interage com o ambiente social extraindo dele estímulos e energia necessários para desenvolver o seu trabalho.

É importante essa concepção de escola, para que haja uma abertura de horizontes, pois pensa-se de forma que os diversos atores possam interpretar os seus papéis de acordo com a sua percepção da realidade, revelando peculiaridades importantes no desempenho escolar (Alonso, 2004).

GESTÃO DA EDUCAÇÃO

A concepção de educação é entendida como prática social. Portanto, ela é constitutiva e constituinte das relações sociais mais amplas, a partir de embates e processos em disputa que traduzem distintas concepções de homem, mundo e sociedade. Para efeito dessa análise, a educação é entendida como processo amplo de socialização da cultura, historicamente produzida pelo homem. Sendo assim, políticas educacionais implicam efetivamente no

envolvimento e no comprometimento de diferentes atores, incluindo gestores e professores vinculados aos diferentes sistemas de ensino.

Dessa forma, a gestão educacional tem natureza e características próprias, ou seja, tem finalidade mais ampla do que a mera aplicação dos métodos, técnicas e princípios da administração empresarial, devido à sua especificidade e aos fins a serem alcançados. Ou seja, a escola, entendida como instituição social, tem sua lógica organizativa e suas finalidades demarcadas pelos fins político-pedagógicos que extrapolam o horizonte custo-benefício stricto sensu. Isso tem impacto direto no que se entende por planejamento e desenvolvimento da educação e da escola e, nessa perspectiva, implica aprofundamento sobre a natureza das instituições educativas e suas finalidades, bem como as prioridades institucionais, os processos de participação e decisão, em âmbito nacional, nos sistemas de ensino e nas escolas.

Neste sentido, a investigação da dinâmica que orienta as relações internas dos sujeitos que incidem no processo formativo, particularmente do diretor-gestor, é de vital importância em face da profunda crise na estrutura organizacional da sociedade atual, que a nosso ver se expressa individualmente em crise de valor.

Sem sombras a dúvidas, o líder é essencial para o sucesso de uma Organização, sobretudo escolar. Há em nossa cultura atual a concepção de que o líder é aquele que manda, dirige e decide sobre tudo, tendo sempre a última palavra sobre todas as coisas. Tal ideia manifesta-se na maneira de viver, relacionar-se e o decidir pelos seus pares, de tal maneira que se incorporou como se fosse algo natural do ser

humano.

Assim sendo, o líder torna-se, conseqüentemente, peça fundamental na Organização, pois a grande maioria dos dirigidos julga-se sem competência ou não saberia trabalhar se não houvesse aquela figura para dirigir e orientar os implicados no trabalho.

Noletto (2000, p. 9), diz que na atualidade, é necessário que a gestão tenha em vista o desenvolvimento das pessoas, adequada utilização de recursos financeiros, oferta de serviços que atendam às necessidades da comunidade e, busca permanente de adesão da sociedade à sua proposta.

Para Cury (2002, p. 165), gestão "(...) é a geração de um novo modo de administrar uma realidade e é, em si mesma, democrática já que traduz pela comunicação, pelo desenvolvimento coletivo e pelo diálogo". O "chamar a si" uma tarefa é de certa forma se tornar responsável por ela e garantir que ela seja executada. Wittman e Franco (1998, p. 27) com o objetivo de delimitar termos na área da Administração da Educação consideram a 'Administração da Educação' um termo amplo que engloba políticas, gestão, planejamento e avaliação. Esta posição compreende a "administração como parte constituinte da educação rompe-se com uma visão que a considera extrínseca e de apoio à prática educativa, como se constituísse uma prática social específica, independente da educação que administra".

Como Instituição de qualidade, queremos traçar diretrizes nas quais a estrutura pedagógica da escola e os conteúdos acadêmicos sejam condizentes com as exigências ao ingresso Universitário, bem como no mercado de trabalho. Todavia atendemos a essas exigências com estilo próprio em que nos referendamos, ou seja, em uma visão integral que se propõe

conscientemente a comunicar valores.

Rever a formação pedagógica requer, portanto, a articulação entre as políticas educacionais e as concepções de formação, enquanto processos de construção coletiva. Implica, também, resgatar as experiências implementadas por estados e municípios, como passos importantes no fortalecimento das ações do MEC, em apoio às políticas de formação de professores e aos processos de organização, gestão educacional e escolar. Nesse sentido, situam-se também as ações voltadas à organização da educação nacional, cujo norte político-pedagógico, no campo e na cidade, deve considerar a riqueza e a diversidade de experiências e as condições e especificidades com as quais se realizam processos formativos para professores e estudantes, considerando a garantia de parâmetros de qualidade e indicando alternativas e perspectivas pedagógicas centradas em uma sólida concepção de educação, escola, cultura e gestão educacional.

FORMAÇÃO CRISTÃ DE PROFESSORES

Sob esses pontos de vista, faz-se necessária uma conexão entre a gestão administrativa e pedagógica, para se fazer um exame da totalidade, para entender que a relação entre esses atores vem passando por diversas modificações. Por essa razão, cresce o número de organizações que se preocupam cada vez mais com o ser humano em si, seus anseios, necessidades e satisfações, procurando criar alternativas que possam fazer com que o indivíduo se desenvolva de forma integral.

Aí está o grande desafio no alinhamento do diálogo entre Gestão Administrativa e

Pedagógica. Sem esse diálogo, ocorre na escola a formação de uma cultura caracterizada por concepções e ações centradas em interesses unilaterais, em vez de por interesses socioeducacionais com foco no desenvolvimento de todos.

Estabelecendo, então a conexão entre a área administrativa da escola com a pedagógica, queremos nos deter a uma gestão pedagógica específica: a marista. A pedagogia marista é de origem católica e centra-se na figura de São Marcelino Champagnat, o qual tinha profunda devoção a Maria e via na educação cristã de adolescentes e jovens a ferramenta ideal para a evangelização, por meio do amor, respeito e atenção aos mais pobres e órfãos.

A formação cristã pode ser simplesmente definida como a instrução formal feita sob a perspectiva do cristianismo, buscando desenvolver cada vez mais a pessoa e seus dons naturais segundo a ótica cristã, a realidade, o mundo e o próprio homem. Dessa forma, podemos considerar essa formação como um esforço sistemático de compartilhar ou adquirir conhecimento, valores, atitudes, habilidades, sensibilidades e comportamentos que compõem ou são compatíveis com a fé cristã. Nesse sentido, a formação cristã visa explorar conhecimentos, métodos e técnicas, e eles devem estar em ação, com o intuito de levar o educando a uma progressiva autonomia, na busca pela aprendizagem e pelo desenvolvimento da capacidade de reflexão.

Segundo Guedes (2012), a fé cristã acredita essencialmente em Jesus como o Cristo, Filho de Deus, Salvador e Senhor; ou seja, o projeto pedagógico cristão visa organizar um conjunto de saber, fundamentado na ciência da educação, onde os pressupostos mais

importantes encontram-se no evangelho de Jesus. Dessa forma, afirma Guedes, que o projeto deve orientar a prática de produzir uma realidade cristã. E para isso, torna-se necessário primeiro conhecer os fundamentos do evangelho de Cristo; depois, é preciso refletir sobre eles, para em seguida planejar as ações para a construção de escolas de ensino cristão, que alcancem a realidade almejada.

É de fundamental importância que nessas ações estejam contempladas as metodologias mais adequadas para atender às necessidades dos educandos.

Com o intuito de assegurar uma educação cristã de qualidade, o educador deve atentar para um esforço sistemático, em termos de exposições sequenciais e interações contínuas com seus alunos, sempre buscando refletir em seu procedimento as características de um discípulo de Cristo. Dessa forma, as definições acima enfatizam a intencionalidade humana como essenciais à perspectiva cristã sobre a educação.

O processo de evangelização no ambiente escolar não pode estar desconectado do processo pedagógico. Sendo assim, os valores cristãos serão experienciados de forma pessoal e coletiva, com perspectivas comunitárias, abrangendo toda a comunidade educativa.

Toda a ação educativa, como também toda ação evangelizadora, carregam em si uma concepção de ser humano, de mundo e de sociedade. E, conseqüentemente, toda ação voltada para a educação do ser humano, segundo Paulo Freire deve assumir, profissionalmente, o compromisso com a sociedade. Por isso, ele sinaliza que o homem além de poder comprometer-se, já é um compromisso.

Sempre lhe pareceu, dentro das

condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço. Estava e está convencido o Autor de que a “elevação do pensamento” das massas, “o que se sói chamar apressadamente de politização (Freire, 1967, p. 36).

Paulo Freire ainda afirma com muita propriedade que a primeira condição para que o homem possa exercer um ato comprometido era a sua capacidade de atuar e refletir. Então, é precisamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade segundo finalidades indicadas pelo homem, à qual está relacionada sua capacidade de refletir, que o faz um ser de práxis. Nesse sentido, o homem é responsável pela evangelização do ser humano como todo.

Se ação e reflexão, como constituintes inseparáveis da práxis, são a maneira humana de existir, isto não significa, contudo, que não estão condicionadas, como se fossem absolutas, pela realidade em que está o homem (Freire, 1979, p. 8).

Todos os processos educativos devem garantir a evangelização, por meio de estratégias que vislumbrem o ser humano como um todo, humanizando cada vez mais as suas práticas.

No que se refere ao ensino/aprendizagem, fica claro que qualquer disciplina pode ser abordada e ensinada numa perspectiva cristã, se a análise parte das pressuposições bíblicas sobre o Criador, o homem e a natureza.

De acordo com a cosmovisão cristã, o alvo do educador não consiste apenas na

transmissão do conhecimento, mas requer a esperança de uma transformação do aluno, a ser operada pela ação do Espírito Santo.

Por fim, a formação cristã perpassa por um caminho regenerador, o qual vislumbra necessariamente a pedagogia da afetividade, colocando o amor dentro das salas de aula e conquistando os educandos pela fórmula simples e sempre oportuna que Jesus utilizou: o amor. Tudo isso numa perspectiva humanizadora.

PERSPECTIVA MARISTA

Marcelino Champagnat, fundador do Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, sempre teve bem claro qual a centralidade de sua missão: “tornar Jesus Cristo conhecido e amado”. Ele considerava a educação como um meio para levar crianças, adolescentes e jovens à experiência de fé pessoal e de fazê-los bons cristãos e virtuosos cidadãos.

Com o intuito de desenvolver a educação integral, nasce a Instituição Marista, que busca com isso o bem viver, na dimensão biológica, psicológica, espiritual e social; instigando a corresponsabilidade com o outro e com o mundo, ou seja, considerando a vida em toda a sua complexidade.

A formação cristã na perspectiva Marista vê a educação como um espaço privilegiado de formação, que evangeliza e humaniza as crianças, adolescentes e jovens.

A proposta educacional da Congregação Marista fundamenta-se nas ideias de Champagnat que insistia com seus discípulos, dizendo-lhes que não era suficiente serem bons professores, deveriam ser mais do que

isso, pois não se tratava “de ensinar apenas as ciências humanas, mas preparar o homem todo: seu coração, sua mente, sua vontade e sua liberdade”. Portanto, o Instituto dos Irmãos Maristas têm como objetivo educar o aluno por inteiro. O professor deve atuar no grupo e no meio dos alunos (Mitterer & Hoff, 2010, p. 199).

A pedagogia marista permite um diálogo interligando e incluindo as dimensões da pessoa, e fundamentando-se numa formação integral, agregando a formação afetiva, ética, social, política, cognitiva e religiosa (Umbrasil, 2010, p. 43). Portanto, proporcionar Encontros de Formação Humano-Cristã, aprofundando temas pouco tratados em outros espaços e que ajudam a discernir questões fundamentais sobre a vida. Isso se constitui hoje num desafio. Cabe a nós fazer o que somente nós podemos fazer, pois somos os primeiros a dar exemplos de que viver o Carisma Marista não é um discurso, mas uma prática que dá sentido ao ser educador Marista.

Falar no papel da educação na humanização é falar no papel fundamental da educação no desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades, não só como transmissora de conhecimentos como meio para alcançar um fim, mas como formadora de um ser humano que responda aos seus anseios de profundidade com sentido (Souza & Gomes, 2013, p. 216).

O carisma Marista é uma vivência de discipulado, que, segundo as Diretrizes da Ação Evangelizadora, se dá através de características: atenção, serviço, entrega e gratuidade. Com essas características, quem segue Jesus “cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e

solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida do outro, especialmente ao empobrecido” (Daepmrs, 2011, n^a 67).

Assim, como a formação cristã e a educação formal, a formação cristã, numa perspectiva Marista, busca garantir uma educação humanizadora, a qual vislumbra o ser humano como um todo. Nessa perspectiva, essa formação é assegurada em princípios pautados no Projeto Educativo do Brasil Marista, que se refere à “Educação Integral como ampla visão da pessoa e de seu desenvolvimento, que se traduz no processo formativo de subjetividades, nos modos de ser sujeito, em sua integralidade e inteireza: corpo, mente, coração e espírito” (Umbrasil, 2010, p. 17).

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA LÚDICA PARA O TECER RELAÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS NA AMBIÊNCIA EDUCATIVA MARISTA

A contação de histórias tem ênfase na busca pela humanização, pois o ato de contar sempre encantou povos de todos os tempos. Por meio da transmissão oral de pai para filho, através dos séculos, as histórias se configuram como maneira de ensinar e aprender.

Contar histórias enriquece o mundo interior, além de desenvolver o hábito de ouvir e o prazer de ler, buscando sempre outras, as mesmas e novas histórias, acumulando assim conhecimentos preciosos para a qualidade de vida.

No contexto histórico, aquele que contava histórias tinha uma grande relevância social e cultural, visto que conservava as experiências e a sabedoria de sua época: utilizava da tradição oral coletiva para se fundamentar na

identidade própria de seu povo.

Busatto (2003) elucida o espaço-tempo em que a oralidade preservava a incumbência de transmitir, pela fala, aspectos culturais e identitários do povo.

[...] o conto de literatura oral se perpetuou na História da humanidade através da voz dos contadores de histórias, até o dia em que antropólogos, folcloristas, historiadores, literatos, linguistas e outros entusiastas do imaginário popular saíram a campo para coletar e registrar estes contos, fosse através da escrita ou outras tecnologias (Busatto, 2003, p. 20).

A prática de contar histórias era utilizada como ferramenta de entretenimento e relaxamento para as crianças, e ainda em alguns espaços continua a ser assim. Esse ato pedagógico apresenta-se como um dos recursos mais remotos de interação humana, utilizada para a transmissão do conhecimento, estímulo à fantasia e à imaginação, como também para transmissão de valores morais universais, os quais são essenciais para a formação de cidadãos éticos e alinhados para a vivência em sociedade.

A contação de histórias se destaca como uma procura pela humanização, já que o ato de contar utiliza performance dos sentidos. Constitui uma abordagem sobre aspectos formativos do processo de leitura, visando aprimorar o desempenho na prática pedagógica através de perspectivas que tornem a leitura mais aceitável e atraente para crianças e para alunos adolescentes.

PRINCÍPIOS NORTEADORES DO AMBIENTE EDUCATIVO

Sendo a ambiência educativa marista considerada um espaço-tempo de educação onde são desenvolvidas ações para que as crianças e os jovens aprendam a ser se conhecendo, conhecendo o outro, o mundo e ao transcendente por meio de práticas que permitam a descoberta dos saberes e o encontro com Deus. Através da relação com o sagrado, a contação de histórias aparece como uma das ferramentas que possibilitam essa dinâmica por uma escola em pastoral. Espaço-tempo este que considera atrelados o pedagógico à evangelização, para a educação integral das crianças.

Para bem entender isso, alguns aspectos são destacados abaixo. Eles nos ajudarão a compreender que a contação de histórias pode contribuir em muito para a descoberta dos saberes e encontro com Deus, itinerário este que deve ser proposto pelas Unidades Maristas, quando se pensa a educação e evangelização das crianças.

ESCOLA, ESPAÇO-TEMPO DE ABERTURA PARA AS RELAÇÕES

Segundo Silva (1996, p. 33), a escola tem a função de possibilitar o desenvolvimento do potencial que está latente em cada um, ou seja, ela deve ser um lugar onde se constrói a liberdade responsável que edifica e valoriza a pessoa humana. O homem precisa externar a coragem de descobrir caminhos que conduzam à liberdade; deve buscar meios nos quais as relações conduzam à autonomia de seus sujeitos e que estes encontrem formas solidárias e articuladas, embasadas pela criatividade, bom senso e competência.

A escola precisa repensar a sua metodologia para implantar a cultura de desejo.

Desejo de conhecer, de participar, de crescer, de autorrealizar-se. Desejo que leva ao prazer. Desse modo, a contação de histórias produz prazer, quando leva o interlocutor a ser arrastado pelo imaginário.

Silva (1996, p. 34) denota a escola como espaço de construção do saber com prazer. Com tal caráter, ela favorece a aprendizagem e gosto pela leitura através do exercício da curiosidade, da autoconfiança, da imaginação, da compreensão do mundo.

A escola deve oportunizar o contato do indivíduo com a leitura, a partir das relações sociais, políticas e culturais que são estabelecidas no mundo. Percebe-se quão importante é a relação do indivíduo com a leitura, principalmente quando gerada no grupo e pelo grupo provoca partilhas que possibilitam o envolvimento e a participação de seus componentes, numa troca recíproca de informação e experiência pessoal, lugar por excelência de aprendizagem.

A DESCOBERTA DO PRAZER PARA O ENCANTAMENTO

O ato de contar histórias apresenta-se como espaço aberto para o desenvolvimento da criatividade, imaginação e, principalmente, suporte para a compreensão do lúdico de forma prazerosa. Permeia-se por canais decisivos para a criança que faz da representação uma forma de organização e reorganização de seu mundo afetivo; é instrumento que pode contribuir para o processo de construção do conhecimento, bem como a formação desse indivíduo, enquanto interlocutor/leitor crítico.

Descobrir o prazer de ler por meio da literatura significa descobrir o poder encantador da fantasia e da realidade, através da

identificação com as personagens, do jogo de palavras e lacunas a serem preenchidas pela imaginação, dando cor e forma.

Para tal, torna-se essencial um espaço vivo, porque a criança é toda dominada por movimentos. O seu desenvolvimento físico e mental é resultado da interação com o meio.

Para Chateau (1987, citado em Ramos, 2007), é pelo jogo, pelo brinquedo, que crescem a alma e a inteligência. Sendo assim, o conhecimento de que a criança precisa brincar para ter desenvolvimento (afetivo, cognitivo e social) saudável, justifica a ideia de utilizar atividade lúdica como ferramenta de acesso à formação do gosto pela leitura.

Transformar a contação de histórias em atividades prazerosas para o interlocutor passa pelo respeito à identidade da criança. Orientando-se pela estrutura do prazer, a escola pode encontrar o caminho da invenção e da criatividade na relação com o texto. Ao sentir prazer pela atividade proposta, a criança se encanta com aquilo que é exposto, proposto, passando a absorver mais a mensagem que lhe é transmitida ou vivenciada com ela.

O DESENVOLVIMENTO DESSES INTERLOCUTORES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Acredita-se que o grande desafio enfrentado nos últimos tempos é o aprofundamento em conhecer e introduzir ainda mais o tema sobre as infâncias, as pessoas a quem serão transmitidas uma mensagem. Para que a criança possa desenvolver saudavelmente em âmbitos afetivo, cognitivo e social, é preciso que o conteúdo, a mensagem seja adaptada ao atual desenvolvimento psicopedagógico dos estágios desse interlocutor.

Nolêto (2015), embasado nos estágios cognitivos de Piaget, apresenta alguns indicativos do desenvolvimento na linha de pesquisa da psicologia do desenvolvimento das infâncias:

- Criança de 0 a 3 anos

Nessa fase de vida a criança aprende com frases curtas. É importante responder somente aquilo que a criança perguntar, sempre com frases curtas e diretas. A partir de histórias, contos e fábulas, ter diálogos informais com as crianças. Isso facilita a apreensão do que está sendo falado para ela, sempre utilizando um vocabulário conhecido pela criança, pelo grupo; inserindo, gradativamente, outras palavras de fácil compreensão no vocabulário.

- Criança de 4 a 6 anos

As crianças nessa fase são ativas, curiosas, têm pouco poder de concentração no desenvolvimento das atividades, buscam conhecer tudo o que está à sua volta, têm um interesse aguçado para saber a origem das coisas, querem saber o porquê; mesmo tendo um vocabulário limitado gostam de conversar, por isso deve-se utilizar sempre uma linguagem simples.

- Criança de 7 a 11 anos

Nesta fase a criança está cheia de energia, é muito ativa e quer sempre estar em ação. Ficar parada, sentada não é muito do seu perfil, por isso tem necessidade de expressão e expansão. A criança é muito prática, por isso ficar muito dentro de teorias, de textos complicados não contribui para uma autêntica descoberta do prazer.

Deve-se estar atento e criar atividades movimentadas e alegres, que motivem o trabalho em grupo, o coletivo: contação de histórias, jogos lúdicos entre outros.

- (Pré)adolescência de 11 a 14 anos

A criança começa a se desligar daquilo que a prende à infância e busca construir uma nova identidade para si. Há uma ruptura do círculo infantil, um vai e vem entre os interesses próprios da infância e da (Pré)adolescência e a busca de uma personalidade nova.

Neste período é importante dar autonomia ao pré-adolescente para que ele possa ser responsável por suas questões. Fazer com que eles procurem respostas para os seus conflitos, principalmente relacionados com os da educação da fé. É necessário compreender a pessoa num contexto de relacionamento autêntico, de sua afetividade, de encontro com o outro. Abre-se a capacidade de criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta: discute valores morais de seus pais e constrói os seus próprios (adquire assim, autonomia).

- Adolescência/Juventude de 15 a 24 anos

O início da fase da juventude é marcado por mudanças psíquicas a respeito das relações sociais, da atenção ao próprio corpo, da descoberta de si, ampliação do campo cognitivo e da afirmação da própria identidade. O jovem gosta de viver em grupos heterogêneos, busca contatos sociais. Tem uma vida emotiva rica e é facilmente depressivo ou expansivo. Procura aprofundar sua identidade e por isso é facilmente influenciável pelos outros e pelos meios de comunicação social. Adquire uma grande capacidade de discutir ideias e de se comunicar com os outros.

Segundo Frankl (2003, p. 58), não é só na puberdade que o sentido da vida se põe de modo típico, mas, também, quando o destino traz vivências perturbadoras. Para o referido autor

não existe nada de doentio em refletir sobre o sentido da vida, tampouco patológica, faz parte da necessidade anímica do homem lutar por um conteúdo da vida, ou empenhar-se na luta espiritual.

Por isso é importante que a prática da contação de histórias com adolescentes e jovens deva atentar para o grupo, partir do concreto, do existencial, algo que responda à sua curiosidade intelectual e necessidade de atividade. É importante que, já como adolescentes/jovens, realizem ações transformadoras no seu ambiente específico (Usa-se como metodologia a missão de ajudá-lo em sua vida vocacional e afetiva de um modo mais acentuado).

A PROPOSTA DE INCENTIVO AOS CONTOS NA AMBIÊNCIA EDUCATIVA

A prática da contação de histórias, além de ação lúdica, amplia a imaginação e ajuda a criança a construir uma experiência de interação. Constitui um relacionamento respeitoso entre a pessoa que conta e os que ouvem. A interação que se estabelece aproxima os sujeitos envolvidos.

Pode-se dizer que na dinâmica da contação de histórias, todos saem ganhando: sejam as crianças, que são instigadas a imaginar e criar, seja o contador, que consegue vivenciar essa experiência maravilhosa e constatar o quanto é gratificante ver o entusiasmo das crianças ao ouvir histórias lidas ou contadas.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo

(Abramovich, 1993, p.16).

Os contos enriquecem o espírito humano, iluminam o seu interior e, ao mesmo tempo, o torna mais protagonista na resolução dos problemas e mais flexíveis para aceitar as diferenças.

Desse modo, além de admitir o poder da história e a atração que exerce o contador sobre seus ouvintes, muitos estudos relatam sua importância no desenvolvimento infantil, por ser recreativa, educativa, instrutiva, afetiva (alargando horizontes, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções, valorizando sentimentos) e também por estimular a socialização e desenvolver a atenção e a disciplina.

A contação de histórias possibilita o desenvolvimento de todas as faculdades das crianças. Se bem trabalhada, pode levar a uma mística que favoreça o desenvolvimento espiritual das crianças dinamizando uma vivência com o sagrado de forma lúdica, prazerosa, encantando-as, desenvolvendo assim uma espiritualidade capaz de criar um itinerário efetivo de descobertas e encontro com o transcendente.

Ao considerar a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógico-pastoral, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem. Preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de encontro com Deus.

Sendo a ambiência educativa marista um espaço-tempo de aprendizagem, de evangelização, de construção e reconstrução de conhecimentos, deve dar especial atenção à contação de histórias, pois ela contribui para a

aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral, social e espiritual, favorecendo o desenvolvimento integral da criança e o cumprimento do projeto educativo marista.

Quanto ao educador marista, este precisa abrir-se ao cultivo de relações que a contação de histórias favorece, pois ela permite maior interação entre as pessoas. O educador é um mediador de inter-relações, na dinâmica do Reino; precisa criar espaços de relacionamento afetivo, acolhedor, que permitam às pessoas (aqui as crianças como centro da discussão) maior proximidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão escolar, portanto, deve dar passos em busca de formas diversas de articular e aproximar os diferentes autores do processo. Trata-se de uma forma de administrá-la com competência, objetivando atingir suas finalidades essenciais e suas metas, ou seja, a de promover um ensino de qualidade para todos. A partir do momento que muda as relações no interior da escola e as relações com a comunidade, inicia-se a construção da educação que realmente está comprometida com os

anseios da comunidade. Essa reflexão chama a atenção para uma gestão democrática e facilitadora do aprendizado do aluno, capaz de proporcionar oportunidades que permitam a ele próprio construir sua caminhada ao longo da vida. Por meio da observância constante dos princípios maristas de educar, a gestão administrativa e pedagógica da escola pretende uma formação integral do ser humano, seja este educador ou educando, nos seus aspectos espirituais, intelectuais e sociais.

Para Champagnat o fim principal da educação é proporcionar aos educandos os meios pelos quais eles poderão adquirir os conhecimentos úteis. Para tanto, “o valor pessoal e intelectual necessita ser sustentado e desenvolvido por um ininterrupto trabalho disciplinado de estudo e de cultivo pessoal” (Martins, 2003, p. 17). Adere-se a uma pedagogia do trabalho e da constância desenvolvendo hábitos pessoais de pontualidade, de juízo crítico, de estudo, de planejamento e de atualização em técnicas de aprendizagem (Mitterer & Hoff, 2010, p.199).

REFERÊNCIAS

- Aquino, T.A.A.; Damásio, B.F. & Silva, J.P. (Orgs.). (2010). *Logoterapia e educação*. São Paulo: Paulus.
- Bruzzone, D. (2001). *Autotrascendenza e formazione. Esperienza esistenziale, pros pettive pedagogiche e sollecitazioni educative nel pensiero di Viktor E. Frankl*. Milano: Vita e pensiero.
- Bruzzone, D. (2011) *Afinar La Conciencia. Educación y búsqueda de sentido a partir de Viktor E. Frankl*. Argentina: Editorial: San Pablo.
- Cabaco, A.S.; Lázaro, A.R. & Gomes, E.S. (2008). Desarrollo de competencias actitudinales en la educación superior: búsqueda de sentido vital y felicidad. *Naturaleza y gracia*, vol. LV, pp. 697-721.
- Canário, R. (2006). *A escola tem futuro? Das promessas as incertezas*. Porto Alegre: Artmed.

- Fabry, J.B. (1984). *A busca do significado*. São Paulo: ECE.
- Foucambert, J. (1994). *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Firmino, C. (2006). A leitura em questão: Foucambert pela leiturização social. *Interatividade*. Andradina (SP), v.1, n. 2. Disponível em: <http://www.firb.br/interatividade/edicao2/_private2/firmino.htm>.
- Frankl, V.E. (1972) *Logoterapia e analisi esistenziale*. Brescia: Morcelliana.
- Frankl, V.E. (1977). *Fondamenti e applicazioni della logoterapia*. Torino: SEI.
- Frankl, V.E. (1982). O homem à procura do significado último. In: *No caminho do autoconhecimento*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Frankl, V.E. (1995). *La psicoterapia al alcance de todos*. Barcelona: Editorial Herder.
- Frankl, V.E. (2003) *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.
- Freire, P.R.N. (1979) *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gadotti, M. (2011) *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. 2º ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire.
- Garcia, C.M. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Iglesias, M. (1996). *Boletim Informativo da Sobral - Ano VI, nº 01, agosto*.
- Libânio, J.C. (2000). *Organização e Gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Editora do Autor.
- Lukas, E. (1989). *Prevenção psicológica* (coleção logoterapia vol.7). Petrópolis: Vozes.
- Lukas, E. (1993). *Mentalização e saúde* (coleção logoterapia vol.2). Petrópolis: Vozes.
- Martins, C.B.; Brandalise, M.AT. & Flach, S.F. (2010). *Gestão Educacional II*. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD.
- Moran, J.M. (2000). *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas*. Campinas: Papirus.
- Nóvoa, A.S. (1992). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote.
- Nóvoa, A.S. (2002). *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa.
- Nóvoa, A.S. (org.). (2013). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A.S. (org.). (2014). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora.
- Ortiz, E.M. (2006). *Hacia una Prevención con Sentido: Bases del centro de prevención e investigación de la fundación colectivo aquí y ahora*. Bogotá: Colectivo aquí y ahora.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.
- Touraine, A. (1999). *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Enviado em: 11/06/2016

Aceito em: 22/12/2016

SOBRE OS AUTORES

Diego Taunay Rodrigues Cardoso. Graduado em Ciências Contábeis pela UniFacex. Agente Administrativo na Escola Marista Champagnat de Natal.

Eliseudo Salvino Gomes. Doutorado em Psicologia (Clínica) pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2009). Mestre em Psicologia e Subjetividade pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR (2002). Especialista em Gestão Estratégica a Serviço da Missão da Escola pela Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS (2014). Membro do Grupo de Pesquisa NOUS: Espiritualidade e Sentido, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Miembro del Comité Científico de la revista “Foro de Educación -Pensamiento, cultura y sociedad-”, Universidad de Salamanca-USAL (España). Membro do Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, listada no site de Viktor Frankl Institute Vienna. Membro do Conselho Universitário-CONSUN da Universidade Católica de Brasília-Brasil. Coordenador do Projeto de Orientação Vocacional/Profissional do Colégio Marista de Natal. Diretor da Escola Marista Champagnat de Natal.

Fabiano Gomes Galdino. Graduado em Administração de empresas pela UniFacex. Agente de Pastoral na Escola Marista Champagnat de Natal.

Janáina Estevam da Silva. Graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Auxiliar de biblioteca, na Escola Marista Champagnat de Natal.

Regiere Alves da Cruz. Pós-Graduado em Ciências da Religião, pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Graduado em Administração de Empresas, pela Universidade Potiguar. Coordenador de Pastoral, na Escola Marista Champagnat de Natal.